

O Século XX em *El Espectador* de Ortega y Gasset: a Crise como Desvio Moral

RESUMO

Neste artigo estudamos como o filósofo espanhol Ortega y Gasset pensa o século XX e seus problemas. Para caracterizá-lo formula a noção de crise que nasce na sociedade de massa. O homem massa vive uma existência vulgar, que carece de responsabilidade e sentido de dever. É o que dá à crise do século, segundo Ortega y Gasset, uma raiz moral.

Palavras-chave: Crise; Ética; Moral; Valores; Ortega y Gasset.

RÉSUMÉ

Dans cet article nous étudions comment le philosophe espagnol Ortega y Gasset pense le XX^{ème} siècle et ses problèmes. Pour le caractériser il formule l'idée de crise qui naît dans la société de masse. L'homme masse vit une existence triviale, dépourvue de responsabilité et de sens du devoir. C'est ce qui donne à la crise du siècle, selon Ortega y Gasset, une racine moral.

Mots clef: Crise; Éthique; Moral; Valeurs; Ortega y Gasset.

* Doutor em Filosofia e Professor da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ).

Considerações Iniciais

Com a publicação de *El Espectador*, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) consolida a transição do momento inicial de sua filosofia de inspiração kantiana para a etapa decisiva do seu pensamento. *El Espectador* é um conjunto de sete volumes de ensaios escritos durante um período relativamente longo que se estende de 1916 a 1934. Pouco antes de redigi-los, em 1914, Ortega publicou a primeira edição das *Meditaciones del Quijote*, obra que inaugurou a etapa decisiva do raciovitalismo. Em sua interpretação do personagem de Miguel de Cervantes, Quixote¹ é a metáfora de uma vida em mudança e permanentemente em risco, exemplo de vida nobre.

Qual é o problema estudado neste artigo? O modo como Ortega y Gasset entendeu o seu tempo, a crise que nele identificou, as causas e as soluções que apontou para ela nos ensaios de *El Espectador*. Destas propostas ele não se afastará nos livros seguintes. O filósofo traz para os ensaios de *El Espectador* a confiança de que o homem de sua época poderia superar a crise originada pelo fenômeno da massa caso adotasse a vida nobre do Quixote, exigindo mais de si mesmo e se dedicando mais a novos projetos.

No momento em que elaborava as bases de seu pensamento raciovitalista com as *Meditaciones del Quijote*, o filósofo começou a ver com outros olhos as dificuldades da Espanha. Ele quer saber se os problemas de seu país também existem noutras partes do mundo, afinal, a vida do homem (inclusive a sua) não se afasta da circunstância em que vive. Circunstância é o que envolve o eu, indica o filósofo. Ao afirmar nas *Meditaciones del Quijote* (1967) que “eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela também não salvo a mim” (p. 51), o filósofo está falando da vida de qualquer homem e não somente do espanhol. Nos ensaios de *El Espectador* o filósofo também estará considerando os problemas gerais do seu tempo.

No livro *Espana Invertebrada* (1921), Ortega y Gasset abordou as causas da decadência da Espanha e começou a desconfiar que os

problemas que afligiam seu país eram comuns ao seu tempo. Na obra, considera que a decadência de um povo ocorre pela fragilidade e apatia dos melhores. Diz ainda que nada traduz melhor o espírito de um povo do que as relações que se estabelecem entre a maioria e as suas minorias qualificadas. Este tema será retomado mais tarde em *La Rebelión de las Massas*, mas foi estruturado nos ensaios de *El Espectador*. Nos ensaios começa a ser composta a noção da insubordinação das maiorias contra as minorias e examinado o propósito das massas de impor o seu modo de vida. Espírito das massas insubordináveis não é um fenômeno político que alimentou opções totalitárias, é um estilo de viver que expressa um desvio moral expresso por Ortega y Gasset na expressão homem massa, conforme iremos mostrar. Assim os desafios do seu tempo foram enfrentados com um pensamento de implicações éticas, ainda que não fosse originalmente um problema ético.

Como se articula o problema da crise e a exigência ética? As análises iniciadas em *Espana invertebrada* e aprofundadas em *La Rebelión de las Massas* foram preparadas nos ensaios de *El Espectador*. É neles que a crise da Espanha se torna a crise de um tempo depois de comprovada que era inadequada a europeização da Espanha, estratégia com a qual o filósofo esperava, num primeiro momento, resolver a crise de seu país. Nos ensaios de *El Espectador* fica claro que a fragilidade das massas vinha de sua adesão à vida vulgar, o que permite ver na raiz da crise um componente ético.

Qual o método utilizado neste artigo? O procedimento metodológico é o analítico. Trata-se de metodologia comum na pesquisa filosófica, revelando-se eficaz para indicar os aspectos implícitos e pouco elaborados pelo autor investigado, dando-lhes com a metodologia uma formatação mais adequada. Sua aplicação ajuda a melhor compreender o pensamento do filósofo e é essencial para o entendimento preciso de suas ideias. Nos trabalhos de Filosofia, na cultura moderna e contemporânea, a tendência analítica, isto é, a força pela qual se reconhece a análise como método de investigação tornou-

¹ A obra de Miguel Cervantes de Saavedra é intitulada *Aventuras do Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. A primeira parte do romance foi publicada em Madri em 1605, saindo a segunda só em 1616. O livro é uma novela de cavalaria que faz uma sátira a este gênero narrativo muito comum na Idade Média. Cervantes nasceu em Alcalá de Henares em 1547 e morreu em Madri em 1616.

se generalizada e se mostrou eficiente. O que é mesmo a análise? É o exame das partes de um todo, tendo o propósito de conhecer sua natureza, funções e relações, isto é, chegar à determinação dos elementos que se organizam em uma totalidade dada ou a se construir. O método de procedimento é o bibliográfico com destaque para aos ensaios de *El Espectador* onde o filósofo examina a crise de seu tempo e os assuntos a ela relacionados.

O Impacto do Século XIX

Ao procurar entender os desafios do século XX, Ortega y Gasset se depara com uma herança que contribuía para o agravamento das dificuldades que observava, o modo de pensar do século XIX. Na verdade, avalia o filósofo, todo o passado da humanidade que chega ao homem do século XX vem pelas lentes do século XIX, pois é através de seu estilo, das interpretações elaboradas por seus intelectuais e pelas crenças ali aceitas que todo o passado da humanidade é passado adiante. Ortega y Gasset lembra que o século XIII, por exemplo, está muito afastado dos homens de seu tempo que dele só tem notícia pela interpretação construída no século XIX. No ensaio *Nada Moderno y Muy Siglo XX* o filósofo afirma (1916): “Falando com rigor, o século XIII e todos os demais pretéritos só existem para nós dentro do século XIX, segundo ele os viu através de seu gênio.” (p. 22).

Esta circunstância histórica se torna um problema para o século XX porque o anterior lhe impôs o seu modo de ver as coisas, ou melhor, obrigou um estilo. Havendo cultivado a ideia de progresso, os homens do século XIX a consideraram definitiva. Eles a impuseram ao século seguinte, porém não perceberam que esta ideia é também ela um elemento para ser superado. Do mesmo modo que o século XIX transcendeu as formas de ver o mundo dos séculos anteriores, os tempos vindouros também precisam superar sua forma de pensar. Nas palavras do filósofo esta questão assim se coloca: O século progressista não concebe que ocorra o progresso em outra forma que não no estado de alma progressista” (*Idem*, p. 23). Um exemplo desta visão distorcida de futuro é encontrado entre os médicos. Até o final do século XIX a classe médica era adepta do positivismo, escola filosófica que se acreditava verdadeira. O positivismo iniciou o século XX

como uma doutrina que não mais respondia aos desafios da vida, mas para aqueles profissionais da saúde não havia nada mais moderno que a visão positivista do mundo. Qualquer outro movimento intelectual lhes parecia inadequado e isto apesar do positivismo ser considerado, por outros cientistas e filósofos, coisa do passado. Eis como nosso Ortega y Gasset descreve o comportamento dos médicos:

[...] os médicos do século XIX se aferram a ele (positivismo), qualquer outra doutrina que não fosse o positivismo lhes repugnava, não só como um erro-coisa que seria justificável como revivência do passado. É que o positivismo viveu dentre eles uma atmosfera espiritual impregnada de ambição modernizante, de sorte que a escola, não só lhes parece verdadeira, mas por sua vez, moderna. (*Idem*, p. 23).

Entender o mais recente como definitivo é encantador. Os homens do século XIX sugerem uma correlação perfeita entre ser moderno e verdadeiro, mas isto é uma distorção. A mesma dificuldade aparece no discurso dos políticos do século XIX, como os médicos seus contemporâneos, eles tratam como modernas suas próprias teses, deixando de lado, como velho e falso, tudo o que nelas não se encaixa.

Para o homem do século XX, o modo de pensar do século anterior precisava ser alterado porque os desafios que surgiam pediam nova interpretação do mundo. O problema para Ortega y Gasset não será, portanto, ser moderno ou ser pós-moderno, mas viver o próprio tempo. O pensador espanhol diz que cada século precisa construir o esquema intelectual com o qual compreenderá a si mesmo, não podendo importar princípios e filosofias de outras épocas sem submetê-los à rigorosa análise.

O século XX por conta de suas profundas mudanças é pensado a partir da ideia de crise, mas crise não significa decadência, esclarece Ortega y Gasset, contrapondo-se à interpretação do filósofo e historiador Oswald Spengler em *A Decadência do Ocidente* (1918-1922). O que sugeriu a Spengler associar mudança e decadência, avalia Ortega y Gasset, é o modo de pensar do século XIX. Quando Spengler vislumbrou que muitas coisas tidas como verdadeiras em seu tempo começavam a mudar,

julgou que se tratava de decadência o que era mudança ou um novo modo conceber a realidade. Mudanças sérias não se fazem sem romper crenças, alterar valores, revisar ideias e isto é muito duro de assimilar. Em *Sobre la Muerte de Roma* (1926) diz:

[...] o pavor que este pensamento (mudança profunda no modo de vida) sugere inspira o homem automaticamente a crer que sua civilização não morrerá. Recorde-se a certeza com que o europeu de vinte anos atrás dava como definitiva a forma europeia do mundo. (p. 537/538).

Esta forma de pensar própria do historicismo do século XIX, na qual sucumbiu Splenger e que concebe o temporal como o passado de um presente definitivo, é a interpretação do real histórico por Hegel. A filosofia daquele século pode ser entendida como um diálogo com Hegel. A noção de circunstância construída por Ortega y Gasset nas *Meditaciones del Quijote* dirige a atenção para o sujeito concreto, situado aqui e agora, ou melhor, mergulhado completamente num presente aberto para o futuro.

Como já resumimos, para Ortega y Gasset (2002): “O mundo é sempre vivido como horizonte mutável porque o homem muda de posição e perspectiva.” (p. 280).

Eis o que diz o filósofo sobre o desvio idealista em *Hegel y América* (1928):

Na filosofia hegeliana da história, todas as qualificações e valorizações do passado estão calculadas em vista do presente como término da evolução. [...] Nós somos seu lúcido resultado. O Espírito do mundo atual é o conceito que o Espírito chegou a ter de si mesmo, ele é quem possui e rege o mundo e é resultado dos esforços de seis mil anos [...]. A ele deve o sistema de Hegel seu caráter de sistema fechado, sem evolução além de si mesmo, sem amanhã. O presente, para Hegel, não é um tempo qualquer, é este e só este. E por isto o presente não mudará em nada de essencial, sem se tornar pretérito jamais. (p. 566).

A crise do século XX é o reconhecimento das dificuldades de um momento perigoso que afeta a consciência histórica e que, para Ortega y Gasset, precisava ser revisto. Preservar o essencial de uma consciência que se faz no tempo sem perder a abertura para o futuro entendido

como possibilidade de completa renovação é a atitude necessária para superar a miopia hegeliana.

A razão histórica elaborada por Ortega y Gasset é vital e circunstanciada. Ela surge num eu singular diferente do eu universal e de raiz racionalista concebido por Hegel. Onde o pensador alemão falava de espírito Ortega y Gasset refere-se à vida, que é um fenômeno imanente ao mundo e tem um aspecto consciente. Como já explicamos em outro momento, para Ortega y Gasset (2003):

Viver é empenho de interiorização e ensimesmamento, base das ações futuras, tanto daquelas que afetam os sentimentos, emoções, pensamentos quanto das que alteram a base natural do mundo pela criação de novos elementos culturais. (p. 36).

A crítica orteguiana ao conceito de razão elaborado por Hegel é que ele é demasiado estreito. Hegel não apenas perde de vista a singularidade da pessoa, mas segue os passos do racionalismo moderno, alterando-o com a dialética triádica.

O século XX foi um tempo de profundas mudanças sentidas como crise, mas não estava decadente como acreditara Splenger, nem perdera contato com o seu passado. O que aquele tempo demandava era novas ideias para pensar a vida e estratégias para enfrentá-la.

Os Sinais da Crise na Estética e na Ética

Havia naqueles dias o sentimento geral de que eram grandes as mudanças em curso. Para o filósofo, um bom termômetro delas era a transformação da experiência artística. Ele entende a expressão da arte e seu gozo como indicações de vitalidade e afirma no ensaio *Apatia Artística* (1921):

Desde há algum tempo que as pessoas melhor dotadas de sensibilidade artística se encontram surpreendidas ao sair de um concerto, de uma exposição ou de um museu, pela falta de prazer recebido. (p. 334).

Ao constatar o desgosto estético de seu tempo, Ortega y Gasset está falando do procedimento daquelas pessoas educadas e preparadas para perceber os movimentos da arte e os apreciar e não da elite social ou eco-

nômica. Se nem as pessoas mais bem preparadas tinham entusiasmo com as manifestações artísticas, o que estaria acontecendo? Seria este um fenômeno espanhol observado apenas nos teatros e galerias de arte do país ou tinha uma extensão mais ampla? Era uma crise só da arte ou um movimento cultural mais genérico? Ortega responde à segunda pergunta dizendo tratar-se de algo generalizado em todo ocidente, um problema que ia além da Espanha: "Logo soube que na França, como na Alemanha, em todas as partes se observa o mesmo fenômeno e, portanto, o que poderia ser uma doentia decadência nos nervos de um grupo, se converte em fato geral de inegável transcendência." (*Idem.* p. 335). Quanto ao fenômeno em si, representava a incapacidade de perceber a beleza expressa nas diversas manifestações da arte. Esta aparente desqualificação da arte significava que as pessoas não mais se entusiasmavam com as manifestações artísticas porque elas não mais lhes tocavam intimamente. O tempo de esplendor daquela arte havia passado. Era preciso um outro tipo de arte para agradar uma sociedade que mudara seu modo de viver. O homem do século XX não mais se entrega emotivamente à beleza artística, pois possui uma capacidade menor de se emocionar. Por isto, a música de Stravinsky, avalia Ortega, ainda que com qualidade, graça, gênio, agilidade e colorido menores que a de Wagner, por possuir pretensões bem menores de emocionar, produz mais satisfação no novo século.

As mudanças importantes na sociedade não se restringiam à forma de apreciar a arte, portanto a crise se espalhava para outros setores da cultura. Os valores, por exemplo, também mudaram, fato que afetou a experiência vital de sua geração. Assim se deu porque há nos valores uma objetividade reconhecida por Ortega y Gasset "na essência mesma dos objetos que habitam o círculo de nossa existência." (*Idem.*,

p. 337). Nos ensaios onde trata de ética, e não apenas nos reunidos em *El Espectador*, Ortega y Gasset mostra que embora a experiência vital seja um fenômeno pessoal, os valores nos tocam e valem por eles mesmos, superando a interpretação psicológica e relativa dos valores em nome de uma objetividade construída no universo da cultura.²

A percepção da crise representa uma renovação da maneira de entender a consciência histórica. A razão vital é transitória, embora não seja cética. Cada tempo possui suas verdades que precisamos respeitar, explica o filósofo em *Revés de Almanaque* (1930):

Antes interessava ao homem uma forma de arte, uma idéia científica, um princípio político porque pareciam definitivos. Quando não pareciam sê-lo caía-se no ceticismo, que é a suspensão da vida. Agora precisamos aprender que só somos definitivos quando sentimos bem o perfil transitório que nos corresponde, quer dizer, quando aceitamos nosso tempo como nosso destino sem nostalgia nem utopismos. (p. 728).

A Percepção de Crise no Século XX

O século XX começou com grandes mudanças, confusão e insegurança, um tempo em que as previsões de paz consolidada e progresso permanente, crenças forjadas no século anterior não se confirmaram.

O desenvolvimento da ciência não propiciou a solução para os problemas humanos como acreditaram os positivistas. O conhecimento científico e tecnológico foi utilizado, por exemplo, na produção de armas de destruição em massa, provocando um cenário inimaginável no século anterior. O cientista estava longe de ser um novo sacerdote e a ciência uma nova religião. Outro problema foi a constatação de que o modelo de ciências da natureza que vinha

² Como indicamos em *Vida e valores na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset* (2004): "A objetividade dos valores pode ser observada quando tratamos das qualidades das coisas. Falamos de qualidades próprias quando elas não dependem de outras coisas, a cor e forma de uma fruta, por exemplo, e são relativas quando dependem, como quando asseveramos que esta fruta é igual à outra, ou mais doce do que ela. Daí o filósofo conclui que existe no mundo algo que não é objeto, que é irreal, embora não no sentido da mística ou da fantasia. Entre estes objetos irreais não fantasiosos estão os valores. Eles não são conhecidos, mas estimados ou apreciados. Estimar significa, no contexto da axiologia orteguiana, realizar uma função psíquica que identifica valor. Toda esta discussão não deixa de ser uma tentativa de esclarecer o que é a experiência moral, tema da ética contemporânea, e do esforço para diferenciá-la da experiência das coisas. Para o filósofo, a experiência dos valores constitui parcela central da ética. A meditação sobre a experiência dos valores é que levou Ortega a concluir pela objetividade dos valores, objetividade que se assemelha à obtida na matemática. Os valores não dependem, portanto, dos caprichos da subjetividade individual, são objetivos." (p. 74).

do positivismo era inadequado para as ciências humanas que se estruturavam. Os limites do modelo positivista de ciência foram apontados por Edmund Husserl em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Husserl percebeu que a questão não reduzia a importância da ciência e do seu papel na cultura, mas indicou que a interpretação positivista dela não atendia às necessidades do novo tempo. Husserl apontou um caminho para superar o positivismo como já resumimos em *O Homem e a Filosofia, Pequenas Meditações sobre a Existência e a Cultura* (2007):

Foi Husserl quem introduziu o esforço de superação do positivismo na Filosofia de nosso tempo. Ele não duvidava da existência do que nos rodeia nem desejava eliminá-lo. Seu propósito foi compreender o mundo como fenômeno, isto é, mostrar como ele se apresentava à consciência. Fenômeno é, pois, o que emerge na consciência, aquilo que pode ser apreendido antes de qualquer reflexão. Não há dúvida que há muitas coisas em torno de nós, porém não era objetivo de Husserl ir até as coisas mesmas, mas mostrar que o que denominamos mundo é o que se apresenta à consciência. Este elemento de certificação cognoscitiva é o que Husserl denominou de mundo vivido. (p. 30).

Não é preciso aprofundar aqui as questões presentes na meditação filosófica de Husserl, apenas acenar que ele percebeu que havia dificuldades no horizonte da cultura no início do século XX e que a filosofia devia enfrentá-las.

Foram muitas as mudanças na cultura decorrentes da quebra da bolsa de Nova York, revolução russa e guerras de independência na Ásia e África. As decorrentes das duas guerras mundiais e do modo de organização da economia que vieram depois delas afetaram a vida de milhões de seres humanos. Naqueles dias a massa estava muito preocupada em sobreviver e menos em desfrutar uma vida particularíssima. Tragédias pessoais, pobreza, desemprego, destruição das famílias, mudança no modo de vida alimentaram Estados Nacionais fortes com poder sobre as consciências. Mesmo as sociedades liberais ficaram preocupadas em construir um modo estável de vida reduzindo os riscos.

Entender o cotidiano do século XX como um momento de crise foi o que pretenderam vá-

rios filósofos. O mais conhecido deles foi Martin Heidegger para quem a crise vivida era uma questão a ser pensada. O filósofo alemão refere-se ao homem como um ser de preocupação e diz que se viviam dias de despreocupação com a condição humana e que esta forma imprópria de viver era a raiz da crise.

O filósofo português Delfim Santos percebeu o propósito de Martin Heidegger e também de Karl Jaspers ao construir uma meditação filosófica partindo da existência humana. Também ele adotou esta perspectiva existencialista, mas observa que Ortega y Gasset é o outro grande nome a ser considerado naquele momento. É em Ortega y Gasset que ele se inspira para tratar a vida do homem como jornada que supera dificuldades e ultrapassa limites. Não basta ocupar-se de sua condição como queria Heidegger. É necessário ver a vida como compromisso de superação dos limites, conforme sugeria Ortega y Gasset. Delfim Santos explica em *Temas de Flagrante Atualidade* o diferencial orteguiano: um projeto vital sustentado num compromisso ético, um conceito de crise como marca de seu tempo, as mudanças na vida como desafios que estimulam a preocupação (1982):

É o tema de nosso tempo – como diz Ortega Y Gasset –, exigência de radical superação construtiva. Compete-nos criar e seguir uma trajetória que eleve a atitude vital de nossa geração. Este é o pulsar da potência orgânica da raça e não pode ser como diz o filósofo espanhol – cumulativa com a geração anterior. (p. 8).

A percepção de que havia um cotidiano em crise tornou-se comum entre os pensadores do século XX. Indicaremos, a seguir, como Ortega y Gasset o fez.

A Crise do Século XX na Visão de Ortega y Gasset

O nosso ponto de partida para entendermos o pensamento orteguiano sobre a crise é notar que a vida humana é histórica e que história significa mudança no modo como o mundo é percebido. Esta mudança pode ser considerada comum ou normal quando reflete a expectativa da nova geração. No entanto, as mudanças podem aparecer como um desmoronamento das crenças e a imposição de uma nova con-

cepção de mundo. Neste caso falamos de crise e elas adquirem a extensão de um século como ocorre no século XX, às vezes são ainda mais longas. Naquele século tivemos crise porque houve alteração no sistema de crenças que foi partilhada por gerações anteriores e que ficou perdida com as mudanças, como ele comenta no livro *En Torno a Galileo* (1933):

“Eis aqui senhores por que há história, por que há mudança contínua nas vidas. Se seccionarmos o passado humano em qualquer data, encontramos sempre o homem instalado num mundo, como numa casa que fez para se abrigar.” (p. 33).

A característica fundamental da crise do século XX era uma atitude comum que, segundo Ortega, marcava a massa e a minoria da sociedade. É bom lembrar que para o filósofo esta é uma divisão comum a todas as sociedades. O que ele observa é que no século XX, as minorias mais bem educadas nos diversos campos culturais não assumiam a tarefa de dirigir a sociedade, não respondiam aos novos desafios que a vida apresentava, cultivavam um saber muito especializado e ignoravam quase todos os outros assuntos. Estas minorias não formam uma classe social ou um grupo, mas se definem pelas funções que possuem. A ignorância destas várias elites representa uma nova forma de barbárie que é complementada pela inocência infantil com que elas julgam a vida e a acham muito fácil. Esta interpretação que o filósofo concebe nos ensaios de *El Espectador* será desenvolvida em *La Rebelión de las Masas*, livro onde explica que o homem do seu tempo deixou de se empenhar com afinco na edificação de uma vida melhor. Este homem aceita a mesmice e se conforma com o modo de vida mais comum. Este doutor ignorante e infantil é o homem massa. Como já dissemos (2008): “O homem massa é o medíocre que não se arrisca em grandes obras e que não se entrega a uma causa.” (p. 134).

A demonstração dos problemas trazidos por esta nova forma de barbárie está no modo como as pessoas entram em debates para os quais não estão preparadas. O resultado são discussões inócuas que não tocam a essência dos problemas fundamentais.

Além das minorias as sociedades possuem a massa. Também ela não forma uma classe social ou um grupo. Estas parcelas sociais ganham importância em nosso tempo porque elas têm acesso aos benefícios criados na civilização de

uma forma que antes não ocorrera em nenhum outro momento da história. Os benefícios gozados resultam de muitos séculos de esforço. No entanto, estas pessoas não percebem que os bens de que dispõem resultam do empenho e esforço de antigas gerações.

No século XX estas maiorias não enxergam lideranças a que acompanhar, não olham para as minorias como modelo, elas não enxergam a civilização como resultado de esforço e trabalho. Assim, entregues a seus gostos e intuições estes homens esperam tirar de si o rumo para a própria vida.

O que dissemos indica que a massa é uma coisa, o homem massa é outra. O século XX é o tempo das massas, porém toda sociedade tem maiorias e minorias. Podemos ter maioria e não ter nenhum homem massa que é uma anomalia, uma aberração moral. Escreve Ortega y Gasset sobre seu tempo em *Revés de Almanaque*, este é um tempo em que a humanidade tem menos controle dos fatos e a história se dirige para onde os processos mecânicos a levam (1930):

A massa se nega a ser dirigida por crer que ela se basta a si mesma. Vice-versa as minorias vivem para si e não se situam em atitude de dirigir, se especializam e se bizantinizam [...] A massa não se dirige, senão gravita para onde a leva seu peso bruto; por isto é esta uma das épocas – quem o diria – em que a história vai mais à deriva de sua mecânica irracional e se acha menos em sua própria mão. (p. 722).

Pela amplitude das consequências que as atitudes tanto das minorias quanto das maiorias têm na cultura, generaliza-se a noção de crise. Esta percepção ganha força quando o homem não enfrenta as mudanças e desafios do seu tempo, pois não está preparado para fazê-lo. Este homem despreparado comporta-se como menino mimado, entrega-se ao gozo irresponsável de que trata Ortega y Gasset em *La Rebelión de las Masas*, pois é característica comum da infância supor que o mundo andarà segundo seus caprichos.

Antes de seguir adiante com a noção de crise é preciso lembrar a importância que Ortega y Gasset atribui às crenças em relação aos mais variados assuntos: ciência, filosofia, religião, mitos, etc. Elas têm muito peso na cultura. Viver é relacionar-se com o entorno, mergulhar

nele e responder aos seus desafios. Se não conseguem fazê-lo as pessoas perdem o rumo e generaliza-se a noção de crise. Toda crise pode ser compreendida se olharmos a relação entre a vida e o sistema de crenças que caracteriza a cultura num certo tempo.

Como a crise do século XX se formou, qual a origem do homem massa? Observe-se que cada crise histórica tem contornos únicos que se vinculam ao modo de vida concreto dos sujeitos históricos. No século XVIII houve uma geração que buscou construir os direitos fundamentais do homem e esta foi uma tarefa monumental. Ela tinha princípios morais rígidos, mas começou a falar de direito para todos independente do que fizesse. Depois de algumas gerações se generalizou a noção de direito para todos, sem a correspondente preocupação com obrigações ou deveres. O processo que soma direitos e subtrai deveres culminou no século XX no tempo das massas. Os políticos deste tempo esperam dirigir a massa sem contar com a colaboração dela. Logo, a crise atual foi iniciada no século XVIII e agravada no século XIX como se vê num texto claríssimo onde todo processo é assim descrito pelo filósofo:

O homem do século XX foi preparado no século XVIII e o que hoje domina foi preparado no século XIX. Quer dizer, o liberal democrata foi forjado em um século sem liberdade nem democracia e um século que gozou ambas coisas produziu um homem antiliberal. (*Idem.*, p. 722).

Em todo ocidente se generaliza um modo de vida que provoca a crise. A Espanha dele participa, mas não é legítimo, conclui Ortega, acusar a inquisição ou o catolicismo pela inércia mental que marcou a vida espanhola e ibérica.

Um exemplo de como a tradição cultural explica o atraso espanhol é apresentado num ensaio de 1930 denominado *La Moral del Automóvil em España*. O automóvel é um instrumento importante em todo o mundo ocidental. No entendimento orteguiano, a chegada do automóvel à Espanha revelou problemas antigos daquela sociedade. Ele relata que os espanhóis tinham grande orgulho de que os carros em Madri estavam sempre brilhando, limpíssimos, enquanto em outros países não eram tão bem cuidados. O que poderia significar compromisso com a ordem, a limpeza, o trabalho e o capricho, na verdade esconde a ausência de valores atuais.

Por que assim ocorre? Por que a limpeza dos veículos espanhóis não estava associada aos valores do século XX, mas à falta deles, pois: 1º - quem limpa os carros são empregados mal pagos, o que significa a falta de bons empregos e de desenvolvimento econômico no país; 2º - os carros viajam pouco na Espanha pela ausência de estradas, sinal de que o carro é um objeto de luxo e não de trabalho como em outros países da Europa; 3º - os espanhóis pagam valores muito mais altos que os europeus para obtê-los, o que significa a falta de visão de mercado.

Estas atitudes ainda seriam admissíveis se houvesse um esforço de transformação desta realidade, mas isto não ocorre. Esclarece o filósofo (1994):

Nada significaria moralmente esta acumulação de absurdos se tivéssemos assistido a ensaios enérgicos para corrigi-los, ainda que as tentativas houvessem fracassado. Porém, não creio que houvesse intento algum apreciável para conseguir que o automobilismo na Europa se comporte com sentido comum. (p. 87).

Os automóveis na Espanha são propriedade do senhorio, diz no ensaio, "a espécie de criatura mais desprezível e estéril que pode haver." (*idem.*, p. 86). Por que o senhorio é desprezível? Porque ele não conhece o valor do que desfruta e também porque não percebe que este veículo que lhe traz deleite é resultado de muito talento e esforço. Ele pensa que pode gozar o seu uso, que a tudo tem direito sem precisar se empenhar muito.

Considerações Finais

A vida neste começo de milênio não é igual a do último século. Temos um novo perfil de violência urbana, crime organizado mais agressivo e associado ao tráfico de drogas, fanatismo religioso convertido em terrorismo, consumo de drogas em grandes quantidades, sérios problemas ecológicos, um mundo sob o risco do aquecimento das temperaturas. Estes novos desafios e as mudanças observadas na sociedade contemporânea apontam para o fortalecimento do individualismo e do hedonismo, cujo resultado prático não diverge muito do homem massa orteguiano. Ora este perfil do homem de hoje não é muito diverso da

criança incoseqüente e da falta de empenho vital apontada por Ortega y Gasset como a causa da crise do seu tempo. A criança associa pouco o que faz ao que ocorre e muito do que ocorre hoje em dia é resultado do que é feito. Logo, as explicações de *El Espectador* sobre a crise e dificuldades da sociedade são ainda atuais, embora tenham sido desenvolvidas na década de 20 e início dos anos 30. É o que também conclui Julián Marías da análise de *La rebelión de las masas* (1991): “Quase tudo o que no livro se diz parece de hoje ou amanhã.” (p. 243).

Há outras características sociais que também confirmam a atualidade da análise orteguiana. Vivemos um momento em que as instituições têm um perfil horizontal, uma sociedade onde modelos e autoridades perderam reconhecimento. Também por isto as pessoas pedem pouco ou nada de si mesmas, quase não se esforçam para realizar qualquer coisa. A vida nobre foi deixada de lado. Nada é considerado muito importante, nada parece impossível, nada é perigoso, nada é superior. Estas são crenças do homem massa.

O que o filósofo espanhol observa é que precisamos pensar os ideais que pautam o comportamento social a partir das exigências da vida mesma, um ideal que se afasta da vida concreta é beataria. Ortega y Gasset diz que é estando atento à razão vital, que é uma razão que nasce das exigências do viver mesmo, é que é possível vencer a crise. Não há, contudo, uma forma de fazê-lo se não tivermos em conta as limitações representadas pela circunstância. Para superar as limitações é importante considerar a vocação íntima, embora ela se concretize numa circunstância, num determinado espaço cultural.

A correlação entre liberdade e circunstância proposta inicialmente nas *Meditaciones del Quijote*, manifesta-se como condição de um poder ser autêntico nos ensaios de *El Espectador*, em especial, em *Intimidades*. Ali a questão aparece bem associada com a circunstância, limitando as escolhas.³ No ensaio citado a questão das escolhas que delimitam a vida e precisam ser vencidas adquirem um tom verdadeiramente moral. Em *Intimidades* a vida humana é invenção do que cada um deve ser em sua época, o criador de si.

Recordemos que o homem massa não pertence a nenhuma classe ou grupo e pode ser encontrado em todos eles: entre os médicos num hospital, professores nas escolas, dentistas em seus consultórios, mesmo entre cientistas e milionários à frente de suas empresas. Quando sua especialidade os leva à ignorância generalizada, a discussões bizantinas e quando agem como crianças irresponsáveis eles integram a massa. Na parte inicial de *La Rebelión de las Masas* o filósofo mostra que as massas emergem como a força social do século XX. Ele descreve a sociedade do século passado e constata que o surgimento das massas é um fenômeno social, como realça José Lasaga Medina na introdução de *Tiempos Dificiles. Una lectura alemana de La rebelión de las masas* (2008): “As massas emergem como força social e temos de contar com elas para o bem e para o mal. Trata-se de uma novidade na história de nossa civilização.” (p. 281).

Finalmente, a tese orteguiana que se mantém tão atual, e que foi desenvolvida em vários livros dos quais *La Rebelión de las Masas* e *Espana invertebrada* parecem os mais importantes, encontra-se bem construída nos ensaios de *El Espectador*.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Mauricio de. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: CEFIL, 2002.

_____. Ortega y Gasset um interlocutor ainda atual. In: CARVALHO, José Mauricio de. (Org.). *Atas do Colóquio José Ortega y Gasset*. São João del-Rei: Editora da UFSJ, 2003.

_____. Vida e valores na filosofia da razão vital de Ortega y Gasset. In: CARVALHO, José Mauricio de. (Org.). *Problemas e teorias da ética contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *O Homem e a filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. O diálogo entre o raciovitalismo de Ortega y Gasset e o pragmatismo de William James. In: FERREIRA, Arthur Leal Ferreira (Org).

³ Nossa referência tem em vista frases como a que se segue: “Nossa vida está posta por nós e tem uma ou outra meta. A eleição delas não será totalmente livre, as circunstâncias limitam as margens de nossa vontade.” (p. 644).

Pragmatismo e questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Arquimedes e GTpramatismo da ANPOF, 2008.

MEDINA, José Lasaga. Tiempos difíciles. Una lectura alemana de *La rebelión de las masas*. *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, 2008, p. 279-289.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1967.

_____. Nada moderno y muy siglo XX. *El Espectador I, Obras Completas*. v. II, 3ª reimpresión, Madrid: Alianza, 1998.

_____. Apatía artística. *El Espectador IV, Obras Completas*. v. II, 3ª reimpresión, Madrid: Alianza, 1998.

_____. Sobre la muerte de Roma. *El Espectador VI, Obras Completas*. v. II, 3ª reimpresión, Madrid: Alianza, 1998.

_____. Intimidades. *El Espectador VII, Obras Completas*. v. II, 3ª reimpresión, Madrid: Alianza, 1998.

_____. Hegel y América. *El Espectador VII, Obras Completas*. v. II, 3ª reimpresión, Madrid: Alianza, 1998.

_____. La moral del automóvil en España. *Obras completas*. v. IV, 2. reimpresión, Madrid: Alianza, 1994.

_____. En torno a Galileo. *Obras completas*, reimpresión, Madrid: Alianza, 1994.

_____. Introducción a una estimativa. *Obras Completas*. v. VI. 2ª reimpresión. Madrid: Alianza, 1997.

SANTOS, Delfim. Temas de flagrante atualidade. *Obras Completas*. v. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.